

Director, Proprietário e Editor
Monsenhor PEREIRA DOS REIS

Redacção e Administração: Secretaria
Nacional do Monumento — Rua
dos Douradores, 57 — LISBOA

Composto e impresso na tipografia
das Oficinas de S. José — Travessa
dos Prazeres, 34 — LISBOA

COM A APROVAÇÃO
DA AUTORIDADE
ECLESIASTICA

MONUMENTO

ÓRGÃO DA PROPAGANDA DO MONUMENTO NACIONAL A CRISTO REI

Avar de Coimbra

Provisão do Senhor Arcebispo-Bispo de Coimbra,
em 19 de Junho de 1954, à sua Diocese

Os direitos de Jesus

«Vai já, mercê de Deus, em adiantada realização, o cumprimento do voto feito em 1940 de se erguer, em frente a Lisboa, um grande Monumento a Cristo Rei.

Como ninguém, Cristo Senhor Nosso, tem, na nossa Terra, direito a uma homenagem de tal natureza.

Mesmo os que infelizmente não partilham o dom da fé, sabem e sentem que Jesus é a Primeira Figura da História, cujos acontecimentos, quer se queira quer não, gravitam e continuarão a gravitar em torno d'Ele que, no dizer do Apóstolo, «foi de ontem, é de hoje e será de todos os séculos» (Epist. Hebr. XIII, 8).

Nós, porém, portugueses, temos para com Jesus particulares obrigações: Nascermos e crescemos sob as Suas bênçãos, a batalhar por Ele e a receber d'Ele indizíveis benefícios.

A nossa Bandeira com as suas cinco quinas — símbolo das Cinco Chagas de Jesus — tem sido e é impressionante pregão da vassalagem que Lhe devemos.

A nossa História anda inseparavelmente entrelaçada com a História da Santa Igreja nas cinco partes do mundo.

Mas nos tempos calamitosos e quase apocalípticos que temos estado a viver bem se pode dizer que é, acima de tudo, a Jesus que devemos uma graça verdadeiramente inapreciável — a de termos escapado aos horrores da guerra e sobretudo aos horrores do comunismo.

O Voto dos Pastores

Numa hora em que tudo parecia preanunciar catástrofes inevitáveis e ruínas irreparáveis para a nossa querida Pátria, os Pastores da Igreja em Portu-

gal, reunidos em Fátima, prostrados aos pés de Jesus Sacramentado, invocando o maternal patrocínio de Maria Santíssima, prometeram solenemente, em nome das Suas Dioceses, fazer erguer em Sua honra um grande Monumento em Lisboa — cabeça e coração da nossa Terra — se Portugal escapasse aos perigos que tão gravemente o ameaçavam.

E, mercê de Deus, o tufão da guerra e as ameaças, piores ainda, do perigo comunista, passaram deixando a nossa Pátria não só incólume, mas com o seu nome mais engrandecido e prestigiado.

Que teria sido de nós se o flagelo da guerra com todos os seus horrores e sobretudo o flagelo do comunismo com todas as suas atrocidades físicas e morais, tivesse açoitado, ao de leve que fosse, as nossas paragens?!

Que o digam os pais, que o digam sobretudo as mães, ao estreitarem enternecidamente contra o peito filhos estremecidos que teriam visto desaparecer trágicamente na voragem de medonhas calamidades e de inenarráveis abominações, se o Senhor nos não tivesse poupado a elas?

O Senhor ouviu os Pastores da Igreja em Portugal e misericordiosamente nos poupou.

«Devemos por isso cumprir o voto solenemente feito».

Quinhão nos Encargos

Coimbra que é, em população, a quarta Diocese do País, precisa de formar num dos primeiros lugares e de tomar sobre si um dos maiores encargos em ordem ao cumprimento do sagrado dever que, pela sua parte, assumiu perante o Céu e a terra.

É necessário para isso fazer sacrifícios? Sem dúvida. Mas esses sacrifi-

(Continua na pág. 2)

5 Mil Contos

50 metros a cem contos cada metro, dá ao fim um total de cinco mil contos.

Eis o que vai ser agora esta última empreitada do Pedestal. 5.000 contos.

Como vamos consegui-los?
— Repartindo este encargo, como é justo e de consciência, por todas as Dioceses de Portugal. Promovendo cada Diocese, sem mais detenções, a propaganda e recolha de fundos em todas as suas paróquias e Associações.

No fim de Agosto tivemos de pagar a 2.ª prestação do Pedestal no montante de mil e quinhentos e dez contos.

Ora o que vamos recebendo, desde Janeiro, de contribuição não organizada de várias Dioceses e das receitas de Lisboa somava naquela altura apenas 800 contos.

Era portanto insuficiente. Valeu-nos então Moçambique. E valeu-nos o Porto. Moçambique enviando-nos de uma assentada 724

contos; o Porto com 400 contos dos mil que espera recolher — Deus o permita! — da subscrição ali iniciada em Janeiro e que deve prolongar-se, organizada, ao menos até ao fim do ano corrente.

Tem de ser assim, a contribuição das Dioceses: global e imediata.

A espera de donativos pessoais espontâneos, nunca se chegará ao fim desta obra.

A Diocese de Coimbra, a novo e muito mais vibrante apelo do seu apostólico Prelado, associou-se, desde Junho, às duas precedentes e, embora sem os recursos delas, afadiga-se para contribuir com honra e generosidade.

Lisboa, desde 1937 entregou até hoje, para o Monumento a soma de 4.227 contos. Não cessará mais de contribuir; mas ninguém pode impor-lhe que tome ela para si exclusivamente o que é obrigação de todas as Províncias de Portugal.

Está a findar o Ano Mariano, de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da nossa Pátria. Anunciando esta felicíssima Comemoração, sugerimos aqui, em Abril do ano passado, que o povo português oferecesse a Nossa Senhora, no seu Centenário, o Monumento de Cristo Rei como «Prenda de Portugal».

Era possível, mas não foi realidade. Reparemos esta negligência amontoando já, em redobros de amor e zelo, a soma precisa para ter pronto em Junho o pedestal.

Paróquias! promovei já a Subscrição do Monumento, com o conto de réis colectivo das famílias e associações. Preparai o Cortejo Infantil de Oferendas das Crianças para o Natal. Sede generosas e receberéis a cento por um!

O nosso gráfico

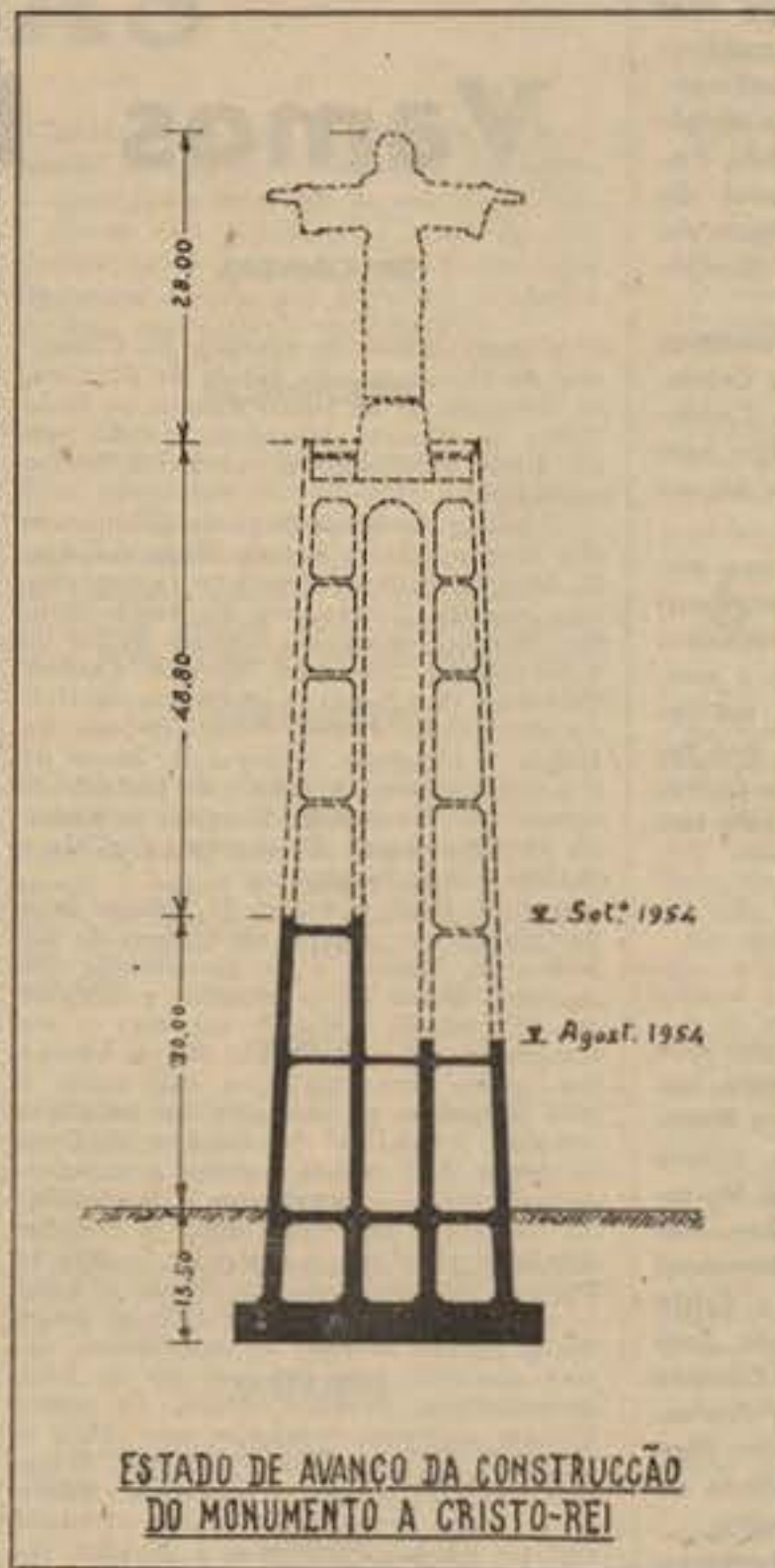
Os pilares do Sul atingiram em Setembro 30 metros de altura e esperam agora que os do Norte lá subam até ao fim deste Outubro.

Só nesse momento começará a construção simultânea dos quatro arcos.

A empreitada a fazer, daqui em diante, até aos pés da Imagem, é ainda de 50 metros.

Graças ao zelo e perícia do engenheiro, supremo dirigente técnico do Monumento, e graças também à boa vontade da O. P. C. A., a empresa construtora, o preço de cada metro do pedestal não irá além de cem contos. Mas, por exigência da própria natureza deste género de construção, que não pode ir aos bocados, à maneira de

(Continua na pág. 3)



O Cortejo Infantil de Oferendas: no Natal, bem preparado desde já em todas as Paróquias, bastaria para concluir o Pedestal. Ninguém negue ao Coração de Jesus esta prova de amor.

